

WOLFF, Hanna. Jesus Psicoterapeuta. 3ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 201-206

Quem é verdadeiro psicoterapeuta?

Esta pergunta tem suscitado, em reuniões de debate científico, muitas discussões e controvérsias. Até agora, porém, registrou-se pouco consenso geral a respeito. Naturalmente, o psicoterapeuta deve ter a capacidade de concentração, elasticidade, conhecimentos científico da mais variadas espécies, integridade de caráter, e assim por diante. Mas essa enumeração multiforme de qualidades respeitáveis poderia continuar até se obter um catálogo sempre maior de virtudes, sem nos esquecermos de que se trata de uma evidência relativa, uma vez que todas essas condições são igualmente exigidas de muitas outras profissões. Por conseguinte, elas não são suficientes para caracterizar as qualidades específicas que exigem do psicoterapeuta.

O melhor modo de entender aquela elasticidade, de que Jesus dá prova, é formular a tese da experiência das polaridades que se estabelecem dentro de um campo de tensão psíquica.

Poderíamos citar, em primeiro lugar a polaridade em tensão que contrapõe, de um lado, segurança sem comprometimento, e de outro, abertura respectiva. Jesus não é um homem do ‘tanto faz este como aquele compromisso’.

Pode-se, pois, citar a polaridade psíquica que opõe o saber esperar e a intervenção espontânea. A evolução psíquica, Jesus o sabe muito bem, é comparável ao crescimento orgânico, que precisa de tempo para acontecer. Por isso, uma das leis supremas é saber esperar pacientemente.

A propósito, Jesus narra a parábola da ‘semente que cresce por conta própria’. O camponês semeou, “depois dorme e acorda, de dia e de noite, mas a semente germina e cresce, sem que ele mesmo saiba como”. E o dono da vinha, que quer cortar a figueira por não ter dado frutos durante muitos anos, é exortado a ter paciência, a dar mais oportunidades aos cuidados prestados à árvore: “Deixa-a ainda este ano!”

Uma outra polaridade psíquica é dada pela tensão existente entre compromisso pessoal e a frieza. Sobretudo os sentimentos de Jesus, já o constatamos, são sempre que envolvem toda a sua pessoa. Com relação ao cegos, move-se de ‘compaixão’; ‘fica irado’ com a profanação do templo; ‘condena’ a cidade infiel; ‘comove-se’ e participa profundamente da situação dos que sofrem; ‘festeja’ com os noivos; ‘alegra-se’ e exorta os outros à alegria. ‘Alegra-se’, igualmente com a ovelha encontrada, mas ‘chora’ sobre Jerusalém e fica ‘tomado de tristeza até a morte’, no Getsêmani.

A essas três polaridades apontadas poderíamos acrescentar outras. No entanto, essas três são o suficiente para deixar individualizar uma polaridade fundamental que, podemos dizer, se situa entre máxima objetividade e a máxima subjetividade.

Ao examinarmos a atitude de Jesus em relação ao homem, o mistério último da eficácia de sua ação revelou ser o seguinte: ele próprio, a sua personalidade, constituía seu método. Mas as suas múltiplas possibilidades de entrar em contato com quem estava diante dele, ao mesmo tempo demonstraram que ele não o sufoca, em caso algum, com a força de sua própria personalidade; pelo contrario, sabe persuadir, desperta para a ação, oferece o seu apoio e convida para um relacionamento autêntico, no nível da verdadeira humanidade. Ele chama o homem para uma decisão livre e para a responsabilidade pessoal: “Tudo depende de ti”.

O outro pólo inerente à atividade dinâmica do fato psicoterapêutico, o da máxima objetividade, consiste em reconhecer a autonomia e a capacidade de auto orientação da psique do paciente, que o psicoterapeuta, na sua ação, deve respeitar integralmente. Somente quando lhe for atribuída, sem equívocos, essa atividade responsável é que se conseguirá fazer com que a psique assuma um papel de cooperação e com participação espontânea e racional. Só assim é que a psicoterapeuta se torna aquilo que pretende realmente ser, isto é, uma tentativa feita em comum pelo psicoterapeuta e pelo paciente, para alcançar o ideal comum de uma humanidade autenticamente humana.